



RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS



LEONARDO NEGRAO

violência no Porto, com uma travesti brasileira, que a luta ganhou força no país.

Em 2006 Gisberta Salce, imigrante de 45 anos, travesti, prostituta e soropositiva, foi brutalmente assassinada após ter sido

violada durante dias por 14 adolescentes com idade entre os 12 e os 16 anos. Seu corpo foi encontrado no fundo de um poço e, depois deste acontecimento, o país despertou para a realidade do ódio contra pessoas homosse-



A peça “Divino Banquete” reúne imigrantes LGBTQIAP+.

xuais e transgêneros. Poucos meses após o assassinato de Gisberta, surgiu a Marcha do Orgulho do Porto, sendo que a primeira edição foi justamente realizada perto da localização onde a brasileira foi encontrada sem vida.

Vinte anos depois a história segue sendo lembrada, afinal, foi também após o episódio que Portugal passou a rever institucionalmente o direito de pessoas trans e homossexuais. No entanto, para alguns imigrantes vindos do Brasil ainda falta um debate mais aprofundado sobre a homofobia e transfobia acentuada com imigrantes, especialmente racializados. “Além de ser uma pessoa não binária, sou uma pessoa negra, e sinto que muitos coletivos pecam pela falta de representatividade neste sentido. Para mim é difícil de me identificar com alguns coletivos portugueses. Acho que é um erro não ter essa atenção com o imigrante, foi justamente por causa da Gisberta que a luta ganhou mais destaque aqui”, lamenta Lucas Reis, ativista LGBTQIAP+ que trocou Porto Alegre (RS) por Portugal em 2018.

Militância através da cultura

Em grandes cidades como Porto e Lisboa são diversos os coletivos de luta formado por imigrantes, como o Queer Tropical no Norte e a Casa T na capital, que dinamizam o debate sobre pautas identitárias e organizam ações culturais e combativas, sejam manifestações ou outros atos políticos em defesa da população LGBTQIAP+. Outros grupos de imigrantes do

Brasil, mesmo que não tenham sido formados com esse propósito, levam para a área de atuação bandeiras que defendem a diversidade e lutam contra a disseminação do ódio no ambiente de trabalho. É o caso do Coletivo Gira, por exemplo.

Quando se apresentavam em Alfama, as membras do grupo – que é formado apenas por mulheres – sentiam que incomodavam alguns moradores. “A gente viu que tinha que levantar nossas bandeiras e se posicionar com mais veemência porque incomodava ter um povo *queer*, imigrante, num bairro tradicional da cidade”, relatou ao DN Brasil em agosto do ano passado a vocalista Kali Peres, uma das fundadoras do grupo e transexual. Nas redes, a banda se apresenta como um

Em grandes cidades como Porto e Lisboa são diversos os coletivos de luta formado por imigrantes, como o Queer Tropical no Norte e a Casa T.

Coletivo Feminista de Samba, Diversidade e Resistência. Para muitos imigrantes da comunidade LGBTQIAP+, o Clube Oriental, em Marvila, tornou-se um espaço de segurança neste sentido.

Paolle Santos, pansexual, lembra como poucos espaços em Portugal têm esse acolhimento. “Em Braga fui expulsa de um banheiro de mulheres, foi algo muito humilhante, em Lisboa já fui perseguida na rua, há sempre um olhar discriminatório. São raros os lugares que consigo me sentir bem, aqui temos o exemplo do Planeta Manas ou do Damas que são visibilidade ao meu trabalho”, diz Paolle, que é *drag queen*.

Também atriz, produtora e diretora, Paolle recentemente se juntou a outros imigrantes brasileiros LGBTQIAP+ para dirigir a peça Divino Banquete, que teve duas apresentações no Teatro Ibérico, também em Marvila, no mês de janeiro. Um outro exemplo da contribuição de quem vem do Brasil para Portugal e ajuda a dar visibilidade à causa que, apesar de ser menos alvo de violência que no Brasil, ainda constitui uma dura realidade.

“É difícil comparar Brasil e Portugal, sinto a violência menor na questão física, até porque o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo”, diz Paolle, que relata ter passado por quatro agressões quando morava no Brasil. “Mas o ódio em Portugal é o mesmo. Ser odiada, discriminada, receber maus olhares é algo normal do meu dia a dia”, finaliza a artista.

nuno.tibirica@dn.pt